

Turismo e iniciação científica – os procedimentos metodológicos na produção de conhecimento¹

*Liciane Rossetto Ferreira²
Guilherme Fleck Pinto³*

Resumo: O presente estudo apresenta uma reflexão sobre a iniciação à pesquisa científica nos Trabalhos de Conclusão de Curso produzidos pelos estudantes do Curso de Turismo ênfase Hotelaria do Centro Universitário Metodista do IPA⁴, de 2004 a 2006 – período entre a realização das primeiras monografias e o início desta pesquisa. Do total de 104 monografias produzidas, foram analisadas 92, uma vez que alguns trabalhos não foram localizados ou estavam com seus arquivos corrompidos. Na busca de estabelecer uma classificação por meio de categorias, os procedimentos metodológicos tiveram por base as técnicas e conceitos usados por Sakata (2002). Alguns aspectos se destacaram nos resultados encontrados como o amadurecimento dos trabalhos, em função da nova matriz curricular que, dividindo a disciplina de TCC em duas etapas, permitiu um maior tempo para as pesquisas, a criação das linhas de pesquisa, e o amadurecimento da própria IES.

Palavras-chave: Iniciação Científica; Pesquisa em Turismo; Procedimentos Metodológicos.

INTRODUÇÃO

O Turismo, emergente do ponto de vista acadêmico, vem desenvolvendo o seu corpo de pesquisa há pouco tempo, se comparado com outras áreas. Ainda não existe uma caracterização própria e delimitada da abrangência e da profundidade do Turismo enquanto objeto de investigação científica, fato que impulsiona e torna relevantes estudos feitos por profissionais da área.

O presente estudo visa a uma análise da iniciação à pesquisa científica nos Trabalhos de Conclusão de Curso dos alunos do Curso de Turismo ênfase Hotelaria do Centro Universitário Metodista do IPA, no período de 2004 a 2006, tentando estabelecer uma classificação por meio de categorias, bem como uma relação entre a produção científica destes e o

¹ DEP-2 - Produção Científica em Turismo e Hospitalidade

² Centro Universitário Metodista. E-mail: licianeferreira@uol.com.br

³ Centro Universitário Metodista. E-mail: guilherme@pop.com.br

⁴ IPA – Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista, mantenedora do Centro Universitário Metodista. A grafia do nome da instituição é usada dessa maneira para diferenciar de outras instituições metodistas.

aprimoramento do próprio curso. Estudos nesse sentido são reduzidos, porém importantes para uma visão atual, servindo para a realimentação do processo. Com pesquisas mais sólidas, com maior rigor científico e metodológico, será possível fazer o Turismo avançar de maneira individual ou de forma coadunada com outras áreas de conhecimento.

Sendo o Turismo uma área em constante crescimento, tanto no mercado nacional quanto internacional, entendemos⁵ que a preocupação com uma base científica sólida para esta emergência deveria iniciar na graduação dos futuros profissionais. São muitos os caminhos que podem definir estratégias para o enriquecimento da formação acadêmica. A iniciação científica se apresenta como um meio concreto, pois coloca o futuro profissional frente a problemas reais de sua área. Buscamos inspiração nas obras de Rejowski (1996) e Sakata (2002), que acreditam que o desenvolvimento do Turismo está diretamente ligado à pesquisa e ao ensino.

Na primeira parte do estudo apresentamos um referencial teórico inicial a partir de um apanhado de autores, numa discussão acerca da construção do conhecimento sobre o fenômeno turismo. A seguir são trazidos os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa, incluindo a amostra e os conceitos das tipologias utilizadas para a classificação das monografias em categorias. Na terceira parte segue a apresentação e análise dos resultados, enfatizando as considerações sobre os levantados na pesquisa. Em seguida vêm as considerações finais, com o fechamento do estudo, a exposição das limitações encontradas e as sugestões para futuras pesquisas.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos a respeito do Turismo iniciaram na Europa, no início da década de 1870, com um enfoque geográfico e econômico. A partir de 1940 nasce uma produção mais densa a respeito do tema, e a partir de 1960 os estudos ganharam espaço nos Estados Unidos (REJOWSKI, 1996). No Brasil, a produção científica no Turismo é ainda mais recente, em 1971 foi criado o primeiro curso de graduação em Turismo. Baseado no pensamento internacional o Turismo começou seu caminho com otimismo na década de 1970, passando posteriormente por descrédito e estagnação nos anos 1980, chegando, à seguinte condição em 1990:

A carência de pesquisas científicas e o reduzido número de pesquisadores, aliados a uma falta de estímulos ao desenvolvimento do conhecimento teórico do fato e do fenômeno do turismo neste País, têm levado a uma improvisada ação no setor, com

⁵ Adotamos a 1ª pessoa do plural: “[...] fomos ‘nós’: todos aqueles que tacitamente, ou inconscientemente citei, chamei, e que são ‘leituras’, não ‘autores’” (BARTHES, 1975, p. 94).

seus evidentes reflexos e conseqüências de absoluta ausência de informações concretas que possam sensibilizar o poder público, sobretudo aqueles responsáveis pelo desenvolvimento do turismo. Adicionou-se a isso uma inaceitável indiferença à Universidade e aos trabalhos de pesquisa (ECA 1992, p.7, *apud* REJOWSKI, 1996, p.60-61).

Para Rejowski (1996), por ser um fenômeno de múltiplas faces, o Turismo se desenvolve em várias disciplinas, como a Economia, a Sociologia, a Psicologia, a Geografia, a Antropologia e outras. Tal perfil faz com que o turismo seja “estudado no âmbito de uma das disciplinas citadas, pode também ser estudado no âmbito de várias ao mesmo tempo ou no âmbito de uma nova disciplina” (REJOWSKI, 1996, p. 21).

Essas possibilidades criam uma problemática na questão da disciplinaridade, que podemos classificar em três conceitos básicos: pluridisciplinaridade ou multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Na pesquisa multidisciplinar, os pesquisadores – mesmo sendo de diferentes áreas organizaram-se a partir do interesse em aprofundar e construir conhecimentos acerca de um mesmo processo, um mesmo foco. Ocorre um processo de síntese, onde o avanço das fronteiras da ciência ou tecnologia aponta para uma interação. Esta interação poderá fomentar profissionais com uma visão integradora, intercambiar conhecimentos e métodos de uma área para outra⁶. Por outro lado, a análise de um objeto sob o enfoque e as metodologias de várias disciplinas, ou ciências, pode gerar um isolamento, sem interação com as demais. Obtemos, assim, um maior conhecimento do objeto de pesquisa, porém, desagregado.⁷

A pesquisa interdisciplinar, segundo Prezeclawski (*apud* REJOWSKI, 1996) é definida como a arte do aprofundamento com sentido de abrangência, para dar conta, ao mesmo tempo, da particularidade e da complexidade do real. Devido a suas implicações, a interdisciplinaridade é praticada de melhor maneira em grupo, agregando a contribuição qualitativa das especialidades, num esforço de reconstrução do conhecimento, com vistas tanto a compreensão quanto ao desenvolvimento da inovação.

No contexto universitário onde convivem todas as áreas do conhecimento, a interdisciplinaridade encontra campo fecundo. Entretanto, a dimensão fundamental da universidade – que é a convivência das múltiplas expressões do saber – acaba sendo fragmentada pela própria estrutura universitária, dificultando, muitas vezes, o convívio na diversidade.

Segundo Nicolescu (1999), a transdisciplinaridade, como o prefixo ‘trans’ indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes

⁶ Disponível em www.niee.ufrgs.br

⁷ Disponível em www.niee.ufrgs.br

disciplinas e além, de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

O estabelecimento de uma teoria do Turismo ainda não ocorreu,

[...] os pesquisadores do turismo olham o fenômeno apenas do ponto de vista de suas ciências de formação acadêmica, fator que ocasiona limitações na sua interpretação e, conseqüentemente, parcialidade no conhecimento produzido (PANOSSO NETTO, 2003, p.57).

Diversos autores realizaram alguns ensaios a respeito da epistemologia do turismo, que serviram de base para o surgimento de novas pesquisas e avanço do conhecimento (PANOSSO NETTO, 2003, p.58). Segundo Abbagmano (1999, p. 183, apud PANOSSO NETTO, 2003) a epistemologia é “um modo de tratar um problema nascido de um pressuposto filosófico específico, no âmbito de determinada corrente filosófica, que é o idealismo”.

Ao falar de uma epistemologia do turismo não está se falando, necessariamente, de uma ciência do turismo, mas é inegável que, com essa argumentação, a seqüência da idéia é perguntar sobre tal aspecto. Sobre isso é necessário dizer que se enganam aqueles que pensam que o turismo já se constitui uma ciência. O conceito moderno de ciência é muito maior que um apanhado de conhecimentos dispersos sobre um determinado assunto (PANOSSO NETTO, 2003, p.60).

É preciso lançar mão da epistemologia para tentar entender melhor a construção do conhecimento na área do Turismo. A teoria do conhecimento – ou epistemologia – aplicada ao turismo é um dos métodos mais eficazes para investigar as raízes das questões inerentes à área. Tal investigação é um passo fundamental no processo de reflexão e produção de conhecimento envolvendo o Turismo. Se as questões são complexas, a reflexão sobre elas não pode ser simplista ou superficial.

A construção do conhecimento ocorre muitas vezes através da quebra de paradigmas, que segundo Kuhn (2001, p. 219, apud PANOSSO NETTO 2003 p. 61) é “aquilo que os membros de uma comunidade científica partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma”. É necessário desenvolver a capacidade de refletir sobre a profissão, de pensar o Turismo, entender sua prática como um grande laboratório. O estudo do Turismo requer que os acadêmicos alcem vãos maiores ao campo de estudo epistemológico do fenômeno. Este exercício epistêmico consiste em avaliar cientificamente como o saber do Turismo se forma, qual a sua origem e sua finalidade (PANOSSO NETTO, 2003).

Um estudo epistemológico requer um aprofundamento interdisciplinar utiliza-se das outras ciências que se inter-relacionam com o fenômeno Turismo. O campo epistemológico do Turismo ainda é pouco explorado, a ênfase dos estudos parece estar mais voltada a

necessidade das empresas em mão-de-obra com formação técnica, o que acaba limitando o conhecimento ao fazer-saber e esquecendo o saber-fazer, que requer maior interesse para obter um maior entendimento e embasamento do fenômeno turismo (PANOSSO NETTO, 2003).

Na área do Turismo os primeiros estudos nacionais sobre produção acadêmica surgem a partir de 1990, nos quais não havia uma relação direta com o Turismo ou, quando havia, esta era remota (REJOWSKI, 1996). Assim como em qualquer ciência, o Turismo deve ter métodos e técnicas de medida consistentes para sua maturação enquanto “ciência”. No entanto encontramos estudos fragmentados em relação às técnicas e metodologias, sendo difícil criar um quadro geral (REJOWSKI, 1996).

Existe uma considerável produção sobre “Turismo”, o que “não quer dizer que exista uma produção científica significativa que reflita a pesquisa em torno dos fenômenos turísticos no Brasil” (BARRETTO 2005 p. 358). Para Moesch (2000, p. 13): “Não há uma pesquisa substancial para a sustentação de uma teoria do turismo, ou seja, o desenvolvimento de sua epistemologia”.

Enquanto o aluno/pesquisador não tiver um entendimento sobre a construção do conhecimento, será difícil que alcance a compreensão da construção epistemológica do Turismo. O vazio científico acaba por fazer do Turismo uma disciplina (e não ciência), que se constituiu no campo de estudo de outras ciências, observa Panosso Netto (2003).

Conforme o mesmo autor, isto gera uma deficiência na área: sem método de pesquisa, nem objeto definido, acaba refletindo sua carência de um campo conceitual. Talvez esta problemática seja o resultado da própria estruturação curricular do Curso, que desprende o aluno da interação com o cotidiano, da experimentação da realidade frente ao Turismo, amarrando-o a um caráter disciplinar, parcial, onde não é possível a contemplação com o todo da área.

O objetivo maior, e talvez um dos grandes desafios, dos cursos de nível superior em Turismo, é conseguir proporcionar, conjuntamente, aos acadêmicos, a educação e o treinamento. O aluno tem de deter, além dos conhecimentos e habilidades específicas sobre as diversas atividades inerentes ao Turismo, as atitudes relevantes para a apropriação destes fatores, ou seja, um conjunto de princípios, capacidade crítica e reflexiva sobre as circunstâncias que o cercam, e não apenas ser um mero reproduzidor de procedimentos (MOESCH, 2002).

Seria equivocado, no mínimo, pensar o Turismo distante da ação experimental, como um objeto estanque. Ele não pode ser analisado de forma isolada, mas em parceria e concomitantemente à compreensão de todas as áreas que o perpassam. E é esta lacuna conceitual que acaba por se refletir nas produções acadêmicas (MOESCH 2002). No trabalho desenvolvido por Rejowski (1996 p. 105), a autora conclui que “tentou-se aplicar uma das várias classificações metodológicas usuais nas ciências humanas e sociais [mas] nenhuma se revelou adequada”, uma vez que a produção é muito diversificada.

Rejowski (1996 p.112) acrescenta que “nem sempre se encontrou rigor científico e espírito crítico, apenas brotaram alguns temas de pesquisa, faltando, em muitos casos domínio da metodologia”. O aluno não entende o Turismo como um fenômeno porque para muitos, a compreensão ainda deriva do fato de conceberem o Turismo como oriundo de documentos escritos. Não o vêem como prática humana, resultado da experimentação dos sujeitos que interagem em diferentes espaços. E esta ação só irá apresentar mudanças significativas com novos estudos na área, que apontem novas concepções e agreguem maior valor científico. Importa ter noção do que já foi produzido, para que novos conhecimentos possam ser construídos.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O procedimento metodológico utilizado na realização deste estudo é, a priori, a pesquisa bibliográfica – a base de todo o trabalho científico. São fontes de consulta materiais como livros, revistas, dissertações, pesquisas, etc. Esta consulta foi acompanhada da coleta de dados pertinentes aos objetivos do estudo, de tal forma que viabilizassem a concretização dos mesmos, através de categorizações, como por exemplo: o levantamento dos temas propostos nas monografias e os procedimentos metodológicos aplicados.

Os dados levantados permitiram a construção de quadros de resultados, a partir dos quais foi possível propor inferências para a interpretação dos dados – uma análise de conteúdo pode incidir sobre qualquer parte do processo de comunicação, da mensagem, do receptor ou do emissor. A interpretação é a significação concedida às características do texto. Ela ocorre com base nas análises das inferências, de acordo com o quadro teórico e os objetivos propostos, podendo, também, identificar novas teorias a partir da análise do material. Com a visualização destes dados, será possível conflitá-los com outras bibliografias – de autores da área – apontando para uma análise mais abrangente.

Para efetuar a análise da amostra foi necessário um roteiro que auxiliasse, durante a leitura, na classificação dos trabalhos. Em função das distintas definições e tipologias usadas por diversos autores preferimos adotar a já existente criada e aplicada por Sakata (2002). Cabe salientar que as considerações a seguir foram usadas na pesquisa da referida autora, e alguns itens foram adequados às necessidades desse estudo e às compreensões dos autores dessa pesquisa. Alguns itens foram excluídos por não terem sido encontrados na realidade do nosso estudo, bem como outros foram delimitados por nós, como os conceitos de “área”, “estratégia”, “método de coleta” e “análise dos dados”, para esclarecer o que está se buscando nesses itens. As definições dos tipos de categorias são: área, estratégia, métodos de coleta, e análise de dados.

Por **Área** também poderíamos chamar de conteúdo disciplinar e temático, ou seja, em que disciplinas ou temas estão inseridos os trabalhos dos estudantes. Dentre algumas tipologias temos: Hotelaria, Eventos, Alimentos e Bebidas (A&B), Marketing e Planejamento. Por **Estratégias** consideramos como o tipo de estudo desenvolvido. Aqui se encontram tipologias como o Estudo de Caso, a Pesquisa de Campo, e a Bibliográfica.

Nos **Métodos de Coleta** foram classificados os tipos de técnica empregada para a obtenção dos dados pertinentes à pesquisa. Algumas tipologias são: Entrevista, Questionário e Observação. Na **Análise dos dados** foram classificadas de que forma o pesquisador analisou as informações levantadas na coleta e como ele se posicionou em relação aos resultados obtidos. Encontramos aqui as tipologias: Expositiva, Crítica, Diagnóstico e Estatística.

Lembramos que a análise e classificação efetuada podem vir a ser um tema controverso em função das diversas definições existentes para cada item. Em face disso, a seguir apresentamos algumas das definições adotadas.

Em relação as tipologias de **Estratégias** de pesquisa de acordo com os autores utilizados por Sakata (2002), encontramos o Estudo de Caso, a Pesquisa de Campo, a Pesquisa Bibliográfica, o Método Histórico e a Pesquisa Ação.

O **Estudo de caso** é definido por Yin (1994) como um questionamento empírico que investiga um fenômeno em seu contexto real, especialmente quando o contexto e seus limites não são claramente evidentes. Lida com situações distintas nas quais existirão muito mais variáveis de interesse. Um estudo de caso pode ser feito a partir de um único caso ou de vários. Enfatiza o entendimento de um caso em específico, ao invés de buscar generalizações de seus resultados (REJOWSKI, 1996. RITCHIE e GOELDNER, 1994. DENZIN e LINCOLN, 1994. YIN, 1994).

A **Pesquisa de Campo** é similar ao *Survey*, porém, normalmente não envolve teste de variáveis independentes, exceto quando se utiliza de métodos estatísticos. A pesquisa de campo utiliza-se de entrevistas, observações e questionários. É mais aprofundada e busca descobrir os significados das variáveis e as relações existentes entre elas. Com grandes ou pequenas populações, é possível maiores comparações e generalização dos resultados (DENZIN E LINCOLN, 1994).

Na **Pesquisa bibliográfica** o estudo é feito a partir de material já existente, sejam eles, artigos científicos, livros e textos. Existem as pesquisas puramente bibliográficas, onde se pretende comparar autores ou analisar a fundo um conceito, entre outros, como também pesquisas empíricas que se utilizam de pesquisa bibliográfica para fundamentar, conceituar a análise e auxiliar na construção do instrumento de pesquisa bem como pesquisa bibliográfica que se utiliza de exemplos reais para complementar o estudo (DENZIN e LINCOLN, 2001).

Ainda que não tenhamos encontrado no estudo, entendemos que é válido considerar as seguintes estratégias: o **Método histórico** estuda um contexto histórico através do levantamento de dados em censo, jornais, cartas e documentações antigas. Requer uma análise interpretativa para que se possa compreender os fatos e relatá-los (DENZIN e LINCOLN, 2001) (REJOWSKI, 1997); e a **Pesquisa Ação e Pesquisa Aplicada** (*Action Research*) é um tipo de pesquisa realizada com participantes em seu ambiente natural, onde os pesquisadores tentam estudar suas ações e problemas de forma científica, guiando, corrigindo e avaliando ações. Os passos deste processo de pesquisa são três: 1) planejamento e reconhecimento; 2) ações a serem tomadas e 3) análise dos resultados das ações tomadas. Pode ser vista como uma pesquisa qualitativa, informal, reflexiva, e experimental, onde todos os indivíduos envolvidos no estudo estão conscientes da pesquisa e procuram contribuir com ela (DENCKER, 2001).

Definições das tipologias de **Métodos de Coleta** de acordo com Sakata (2002) são: Análise Textual, Entrevista, Observação, Questionário, e Experiência Pessoal. Em alguns momentos as tipologias podem aparecer combinadas, ou seja, mais de uma tipologia utilizada para o mesmo trabalho, principalmente quando tratada a questão do **Método de Coleta**.

A **Análise Textual** faz uso da bibliografia publicada com relação direta ou indireta com o tema em estudo, que forneça ao pesquisador uma base teórica sobre o assunto em questão. A **Entrevista** busca descrições ou opiniões do entrevistado com respeito à interpretação e aos significados de um determinado fenômeno. O pesquisador fica frente a frente com o entrevistado e através da fala são coletados os dados necessários. A entrevista pode ser para

confrontar dados já existentes, levantar sentimentos, opiniões, problemas. Ela pode ser estruturada, seguindo um roteiro pré-estabelecido, ou não estruturada, dando total liberdade ao entrevistado em falar sobre o assunto.

A **Observação** examina fatos ou fenômenos vendo, ouvindo e participando ou não da realidade estudada. Possibilita conhecer as influências que atuam no comportamento de indivíduos e sobre as quais os próprios não têm consciência (RITCHIE e GOELDNER, 1994). O **Questionário** é um instrumento composto por perguntas ordenadas, que devem ser respondidas pelo entrevistado, enquanto a **Experiência Pessoal** se assemelha à observação participante, porém, os dados são extraídos do próprio pesquisador que já viveu em algum momento os fatos relatados. Através deste método, o pesquisador compartilha com os leitores suas experiências e conhecimentos e, ao mesmo tempo, as analisa com maior profundidade e formalidade.

Sakata (2002) define as tipologias de **Análise dos Dados** de acordo com os autores por ela analisados em: Comparativa, Expositiva, Diagnóstico e Estatística.

Na **Comparativa** existe a análise de um dado fenômeno ou sujeito, sua comparação com fenômenos que apresentem características similares, mas que sejam distintos entre si. São utilizadas em pesquisas feitas em diferentes locais ou países, com diferentes amostras ou diferentes ambientes socioeconômicos. Na **Expositiva** são análises cujo foco principal é descrever os resultados obtidos da pesquisa de campo. São detalhadas, objetivas e acuradas. Alguns autores denominam de análise descritiva.

O **Diagnóstico** busca desenvolver práticas ou formas de atuação em relação a propostas, proposições de alternativas, sugestões de medidas e ações, classificações, desenvolvimento de possíveis estratégias e proposições de medidas de eficácia, entre outros. A **Estatística** envolve as análises feitas utilizando-se de cálculos estatísticos, para determinar as correlações entre as variáveis. São utilizadas na Pesquisa em Turismo para calcular demanda e tendências.

3. RESULTADOS E ANÁLISE

Do total de 104 monografias produzidas entre o período desta pesquisa, 2004-2006, foram analisadas 92, uma vez que alguns trabalhos não foram localizados ou estavam com seus arquivos corrompidos ou com vírus⁸. Os trabalhos não localizados eram, principalmente, de 2004. Observamos uma produção 44% maior no primeiro ano (2004), apresentando-se

⁸ Lembramos que a entrega do trabalho de conclusão é feita em CD, e não de forma impressa, podendo acarretar problemas de ordem tecnológica.

estabilizada nos dois anos seguintes (2005 e 2006). Essa maior quantidade não significa uma qualidade superior.

Notamos, ainda, uma produção mais elevada nos segundos semestres, onde fica claro que o maior ingresso de estudantes ocorre no vestibular de verão. Essa diferença é bastante significativa, mas dá sinais de um equilíbrio maior já a partir de 2006.

Evidenciaram-se, nas monografias analisadas, as principais **Áreas** trabalhadas ao longo do curso, “Hotelaria” (21%), “Eventos” (14%) e “Alimentos e Bebidas (A&B)” (11%). Chama atenção o considerável número de pesquisas em “Segmentos” do Turismo (12%), aqui estão trabalhos diversificados, com casos do turismo para Terceira Idade, o Enoturismo, o Ecoturismo, o Turismo de Compras, Parques Temáticos entre outros. Notamos uma pequena quantidade de trabalhos na área de “Agenciamento e Transportes” (3%), apesar da significativa absorção de estudantes pelo mercado de trabalho nessa área.

Algumas **Áreas** aparecem combinadas – o que apontaria para uma certa forma de interdisciplinaridade –, principalmente o item “Eventos e Hotelaria”, com 7 trabalhos (8%). Se considerarmos esses trabalhos, em separado, dentro das duas grandes áreas (“Eventos” e “Hotelaria”), o resultado será diferente evidenciando ainda a produção em “Hotelaria”, que terá 28 trabalhos (25%), e em “Eventos” que passará a contar com 20 trabalhos (18%). Desta maneira, “Hotelaria” e “Eventos”, se somados a “A&B” atingem mais de 50% dos trabalhos produzidos. A área “Ensino” foi contabilizada em “Outros”, com duas monografias do total de sete, mas ela possui ainda três trabalhos dentro de grandes áreas, sendo dois casos em “Eventos e Ensino” e um caso em “Hotelaria e Ensino”.

Dentro do item “Outros”, além dos dois casos em “Ensino”, temos dois em “Comunicação”, um em “Hotelaria Hospitalar”, um na “História do Turismo em Porto Alegre” e um sobre o “Profissional Guia de Turismo”. O “Marketing” aparece apenas uma vez em sua essência, nas outras três ele aparece combinado, uma vez cada, com as seguintes áreas: “A&B”, “Agenciamento” e “Hotelaria”.

Ao longo do tempo, notamos que a **Área** de “A&B” veio perdendo força no curso, chegando a não ter nenhum trabalho produzido no segundo semestre de 2006. Este é um dado curioso por ser uma das áreas que no geral teve números representativos e que desperta muito interesse nos alunos que procuram o curso. No segundo semestre de 2006 “Eventos” teve uma redução, quem sabe, em função do elevado número de trabalhos que foram realizados na área “Hotelaria”, a qual se mostrou como a grande área de interesse dos alunos para a realização de suas monografias – o que faz jus à ênfase do curso.

Dentre as **Estratégias** utilizadas para a realização das monografias, o **Estudo de Caso** predomina, atingindo mais de 50% da produção analisada. A estratégia “Bibliográfica” (29%) foi considerada apenas quando utilizada como uma revisão de literatura, quando o aluno trouxe no corpo da sua monografia textos de diversos autores, mas sem uma maior aplicação de campo. Cabe ressaltar que em todas as monografias há pesquisa bibliográfica para a formulação do referencial teórico. Notamos que esse tipo de estratégia ocorreu principalmente no início do curso, praticamente deixando de existir no ano de 2006.

Apesar do número da “Pesquisa de Campo” (16%) ainda ser menor ao do “Estudo de Caso” (52%), esta estratégia vem ganhando espaço, uma vez que os alunos buscaram estudar grandes ou pequenas populações e as relações existentes entre elas, bem como um resultado mais generalizado e não tão específico como ocorre no Estudo de Caso. Esse fato pode representar pesquisas mais consistentes e profundas.

Quanto ao **Método de Coleta** das informações utilizado pelos alunos para realização de suas pesquisas, de um modo geral, a escolha está bem distribuída. A “Análise Textual” (23%) ainda aparece como o principal método, mas tende a perder seu espaço, uma vez que era a técnica utilizada inicialmente pelos alunos que usavam a estratégia “Bibliográfica”. O método de coleta é a categoria que mais apresenta combinações, normalmente é utilizada mais de uma técnica para o levantamento dos dados. Chama atenção também a questão da “Experiência Pessoal” (14%), onde os estudantes parecem ser influenciados pelo seu ambiente de trabalho ou estágio, bem como pelo conhecimento advindo daí para escolha dos temas para suas monografias.

Quanto à forma de **Análise dos Dados** observamos o predomínio do método “Expositivo”: A análise “Expositiva” (59%) descreve os resultados obtidos de forma detalhada e objetiva. O número de “Diagnósticos” (17%) onde são apontados, entre outros fatores, sugestões, aparecem como o segundo mais utilizado. Notamos ainda que os trabalhos qualitativos predominam em detrimento dos quantitativos, o que revela um predomínio das tendências das ciências sociais aplicadas – concepção predominante no Projeto Pedagógico do Curso.

CONCLUSÃO

Este estudo, conforme proposto em seus objetivos, possibilitou uma análise da iniciação à pesquisa científica nos Trabalhos de Conclusão do Curso de Turismo no Centro Universitário

Metodista do IPA, no período de 2004 a 2006. Foi possível obtermos aspectos qualitativos e não somente quantitativos.

Devemos destacar alguns aspectos, como o amadurecimento dos trabalhos, principalmente em função da nova matriz curricular que, dividindo a disciplina de TCC em duas etapas, permitiu um maior tempo para as pesquisas. Também contribuíram para a maturação da iniciação científica a criação das linhas de pesquisa do curso, e o amadurecimento da própria IES. A instituição recentemente passou de Faculdade a Centro Universitário e, almeja tornar-se Universidade.

Entre os resultados obtidos, observamos a predominância dos Estudos de Caso, mas com uma ascensão de Pesquisas de Campo. Fica claro o equilíbrio dos métodos de coleta de informações empregados, que em sua maioria apresentam-se combinados, ou seja, mais de uma técnica é utilizada para o levantamento dos dados. Quanto à análise dos dados, a preferência é pelo método Expositivo, onde os resultados são apresentados de forma concreta e objetiva. O pequeno número de trabalhos quantitativos é demonstrado pelo reduzido volume de análises estatísticas. As áreas preferidas para realização das monografias são aquelas que podemos considerar pilares do curso de Turismo, que são a Hotelaria, os Eventos, e Alimentos e Bebidas (A&B). Convém considerar a ênfase do curso em Hotelaria, que evidencia essas disciplinas.

De uma forma mais qualitativa, observamos no início do curso uma grande produção usando a estratégia Bibliográfica, onde os trabalhos se tratavam na verdade de uma revisão de literatura, na qual eram revistos e expostos os principais conceitos sobre o tema em questão. Esse modelo, não testava hipóteses e foi desaparecendo com o tempo, conforme a evolução do próprio curso, que passou por mudanças em sua grade curricular. As monografias passaram por alterações no decorrer do curso, tornaram-se mais consistentes, com maior rigor, ganharam em número de páginas e conteúdo.

Em função das diversas metodologias existentes e do grande número de interpretações possíveis, algumas classificações efetuadas pelos autores desta pesquisa podem parecer controversas, em função da formação e visão dos leitores e pesquisadores. Sugerimos uma continuidade e aprofundamento das pesquisas nesta direção, pois novas análises, classificações e considerações a respeito dos dados estudados e levantados podem surgir.

Evidenciou-se a importância da disciplina de Metodologia acompanhando o aluno desde o início do curso e mais intensamente no momento da sua pesquisa para o trabalho de

conclusão. É fundamental o papel do orientador nesse processo para que o aluno tenha sucesso em seus objetivos.

No decorrer desta pesquisa surgiram questionamentos que não eram os nossos objetivos e não foram abordados, ao menos de forma profunda. Tais elementos ficam como sugestões para trabalhos futuros: compreender o pequeno número de trabalhos na área de Agenciamento e Transportes; pesquisar a influência da aula/disciplina e do orientador na escolha do tema do trabalho de conclusão; estudar a profundidade e o rigor metodológico empregados nas pesquisas pelos estudantes de turismo; pesquisar até que ponto as empresas influenciam a decisão dos alunos na escolha do tema e também os currículos universitários.

A discussão sobre a pesquisa e metodologia no Turismo precisa ser incentivada para termos avanços semelhantes a outras áreas. Apesar do aumento de cursos de pós-graduação, de mestres e doutores afetos ao Turismo, o apoio à pesquisa deve iniciar antes, na própria graduação, através na iniciação científica. As Universidades poderiam ter núcleos específicos de pesquisa, para troca de experiências, inclusive dando suporte com bolsas de estudo, e incentivando a apresentação de resultados em eventos e publicações.

A *Internet* e todo o desenvolvimento correlato da informática podem proporcionar a formação de um banco de dados eletrônico dos estudos turísticos, onde estudantes possam pesquisar em artigos e outras publicações que se apresentem de forma organizada e sistematizada. Os trabalhos publicados, com a guarda de um orientador, atestariam a mínima qualidade dos mesmos, permitindo assim a maior comparação de resultados entre pesquisas.

Esses podem ser os primeiros passos, pois, em função da grande variedade de tipos de estudos, em todos os aspectos, não é possível, ainda, estruturar a pesquisa em Turismo. É necessária uma ampla e profunda discussão por especialistas para chegarmos a resultados mais eficazes. Pesquisas desse gênero, como enfatizado desde o início deste estudo, são o caminho para o desenvolvimento de qualquer área, e, no Turismo, isso não será diferente.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, Margarita. **As ciências sociais aplicadas ao turismo.** In SERRANO et al. Olhares contemporâneos sobre o turismo. São Paulo: Papirus, 2001. p. 17-34

_____. **Fazer científico em turismo no Brasil e seu reflexo nas publicações.** Revista Turismo Visão e Ação. V. 7 – n. 2. p. 357-364

_____. **Produção científica na área de turismo.** In MOESH, Marutschka. Um outro turismo é possível. Contexto, 2004. p. 83-88

BARTHES, Roland. **Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios.** Lisboa: Presença, 1975.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. Contexto, 2000. 1. Por uma epistemologia do turismo. P. 09-17

_____. **Para além das disciplinas: o desafio do próximo século**. In GASTAL, Suzana (Org.). Turismo Investigação e crítica. Contexto, 2003. p. 25-44

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Traduzido do Francês por Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

PANOSSO NETO, Alexandre. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

_____. TRIGO, Luis Gonzaga Godoi. **Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade**. São Paulo: Aleph, 2003.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica**: Pensamento internacional x situação brasileira. 7 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coleção Turismo)

SAKATA, Marica Cristine Gramacho. **Tendências metodológicas da pesquisa acadêmica em Turismo**. São Paulo: ECA/USP, 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2002.

TORRE PADILHA, Oscar de la. **EL turismo: fenómeno social**. México: FCE, 1997.